OPEN ACCESS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
FAMECOS
PUCRS

REVISTA FAMECOS
mídia, cultura e tecnologia

Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 33, p. 1-16, jan.-dez. 2026
e-ISSN: 1980-3729 | ISSN-L: 1415-0549

PENSAMENTO COMUNICACIONAL

A ontologia da comunicação: uma análise crítica das propostas de José Luiz Braga e Ciro Marcondes Filho

The ontology of communication: a critical analysis of the proposals of José Luiz Braga and Ciro Marcondes Filho

La ontología de la comunicación: un análisis crítico de las propuestas de José Luiz Braga e Ciro Marcondes Filho

Deodato Rafael Nunes Libanio[1]
orcid.org/0000-0003-3031-1806
libaniodeodato@gmail.com

Recebido em: 10 jul. 2025.
Aprovado em: 11 mar. 2026
Publicado em: 14 maio. 2026.

Resumo: Discutimos neste trabalho a interlocução entre José Luiz Braga e Ciro Marcondes Filho publicada em três artigos entre 2010 e 2012, observando as questões que podem ser impactantes à área suscitadas pelo debate. A partir desse material, constatamos que os dois autores apresentam insuficiências ontológicas em suas propostas. Para avançarmos na discussão, mostramos, de modo sintético, a atualização dos projetos dos respectivos autores à área da comunicação, avaliando se eles conseguiram superar o problema da insuficiência ontológica. Na conclusão, mostramos as contribuições desse debate para a área e, por outro lado, como as propostas não superam o problema.

Palavras-chave: comunicação; ontologia; José Luiz Braga; Ciro Marcondes Filho.

Abstract: In this paper, we discuss the dialogue between José Luiz Braga and Ciro Marcondes Filho, published in three articles between 2010 and 2012, and examine the issues that may affect the area raised by the debate. Based on this material, we find that both authors present ontological shortcomings in their proposals. To advance the discussion, we briefly summarize the authors' updated projects in the field of communication and assess whether they have overcome the problem of ontological insufficiency. In conclusion, we show the contributions of this debate to the field and, on the other hand, how the proposals do not overcome the problem.

Keywords: communication; ontology; José Luiz Braga; Ciro Marcondes Filho.

Resumen: En este trabajo discutimos la interlocución entre José Luiz Braga e Ciro Marcondes Filho publicada en tres artículos entre 2010 y 2012, observando las cuestiones que pueden ser impactantes para el campo suscitadas por el debate. A partir de este material, constatamos que los dos autores presentan insuficiencias ontológicas en sus propuestas. Para nosotros avanzarnos en la discusión, presentamos, sintéticamente, la actualización de los respectivos proyectos de los autores para el área de comunicación, evaluando si ellos consiguieron superar el problema de la insuficiencia ontológica. En la conclusión, presentamos las contribuciones de este debate para el dominio y, por otro lado, cómo las propuestas no superarán el problema.

Palabras clave: comunicación; ontología; José Luiz Braga; Ciro Marcondes Filho.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença CC-BY 4.0, que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

1 Introdução

Entre 2010 e 2012, o debate entre José Luiz Braga e Ciro Marcondes Filho mobilizou o campo da comunicação no Brasil, demarcando um antagonismo na área que ainda suscita debates e que merece ser retomado. Neste trabalho, o nosso objetivo é ressaltar as questões centrais

[1] Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil.

desse diálogo para verificarmos se existem lacunas e contribuições à área. Ressaltamos que este texto tem um caráter crítico, entretanto, não propomos algo destrutivo, porque pretendemos avançar a partir das propostas apresentadas. As ideias e as inferências que tal interlocução suscita são provenientes do trabalho de análise de estrutura argumentativa. Nesse sentido, não almejamos construir um valor de verdade totalizante para toda a área a partir desse eixo. Em suma, pretendemos apresentar, de modo crítico, as contribuições dos autores para refletirmos sobre um caminho possível para o saber comunicacional e indagarmos sobre a existência de doenças infantis da comunicação, tal como propôs Marcondes Filho (2011).

Iniciamos as discussões com os textos referentes ao debate publicados entre 2010 e 2012 e, posteriormente, apresentamos uma síntese dos projetos atuais dos referidos autores, destacando os seus ajustes, mudanças e progressos. Nesses dois tópicos, propomos uma discussão sobre os problemas que essas abordagens não resolveram. Com o intuito de avançarmos no debate, expomos duas possíveis contribuições à área: identificamos a evidência de um problema da comunicação, a insuficiência da delimitação ontológica ou da fundamentação do objeto[2] de estudo; e questionamos se existem doenças infantis da comunicação.

Fazemos a ressalva de que estamos trabalhando com um recorte, que não contempla toda a obra e as ideias dos autores. A nossa proposta é mostrar que o debate entre Ciro Marcondes Filho e José Luiz Braga revela um problema relevante à área da comunicação que merece ser discutido. Entretanto, isso não quer dizer que todo o campo da comunicação se restrinja a esses dois autores. Em suma, consideramos o pensamento comunicacional brasileiro como um lugar de destaque, afinal, existem discussões já consolidadas na área e elas podem ser um ponto de partida para o amadurecimento do pensamento sobre os problemas fundamentais da comunicação.

Este ensaio reúne estudos de uma década, que foram maturados, elaborados e reelaborados, por meio do debate acadêmico e da publicação de artigos, que resultaram nesse *corpus*. O nosso objetivo, portanto, é apresentar aos estudiosos da área (e das humanidades) problemas pungentes na fundamentação da comunicação e retomar um debate que trouxe contribuições. Ousamos dizer que não estaríamos no nível do debate atual sobre as teorias da comunicação no Brasil, se esse diálogo não tivesse acontecido.

2 O debate

2.1 Proposição: a comunicação é um fenômeno raro?

O texto que abre o debate é o de Braga (2010)[3], ele propõe a comunicação como um processo que ocorre de modo *tentativo* por, pelo menos, dois aspectos: o primeiro é o de que, em toda relação comunicativa, existem movimentos de tentativa e erro, gerando resultados "probabilísticos", variáveis e gradientes, que, ao serem observados por critérios específicos, revelam um potencial heurístico sobre o processo interativo, apresentando os seus sucessos e falhas; o segundo é o "reconhecimento" de um certo nível de "imprecisão", imprevisibilidade e incerteza, porque a comunicação foge do nosso controle. A partir disso, ele procura demonstrar possíveis diferenças entre a sua proposta e a de Marcondes Filho, a partir do texto intitulado *Até que ponto, de fato, nos comunicamos?*[4].

---

[2] Ressaltamos que os referidos autores têm uma perspectiva próxima sobre o que tipifica o objeto de uma ciência. Ambos compreendem a questão como a delimitação do *que* se estuda em determinada disciplina e *como* se aborda o respectivo fenômeno. Tal informação nos foi passada tanto por Braga quanto por Marcondes Filho em comunicação pessoal, mas ela pode ser verificada em Marcondes Filho (2018) e Braga (2012). Portanto, neste texto, discutimos a ideia de objeto como ponto de partida para uma crítica fenomenológica às proposições apresentadas.

[3] Ressaltamos o artigo de Signates (2022), que comentou a discussão entre os dois autores, mostrando que ela antecede e vai além dos ensaios publicados entre 2010 e 2012. O professor Signates contribui com uma síntese sobre o tensionamento dessas abordagens, evidenciando a relevância das propostas para a área.

[4] Livro publicado em 2004, em que Marcondes Filho expõe de modo inicial uma reflexão sobre o contexto social que trata a comunicação como fenômeno onipresente, que nos leva a constatar que estamos em uma sociedade da comunicação e da informação. Com o

Braga (2010) enfatiza que a abordagem de Marcondes Filho se restringe à "comunicação--comunhão", atribuindo um alto valor à comunicação rara, aquela que atinge o seu mais alto nível quando "cria um reconhecimento mútuo". O autor considera que não se pode negar o valor e a existência dessa comunicação, que tem fortes exigências éticas, culturais, estéticas e psicológicas, entretanto, essa perspectiva pode restringir a nossa visão sobre o fenômeno. Nesse sentido, não podemos desconsiderar os outros processos, porque eles também têm o seu modo de ser e devem ser descritos, por essa razão, Braga (2010) considera que a sua formulação também aborda a dimensão comunicativa sugerida por Marcondes Filho, além de alcançar outras formas possíveis de comunicação, sem valorá-las como comunicação de nível alto ou baixo, pois isso nos traria uma visão mais enriquecedora da vida cotidiana, que é o lugar em que ocorrem as interações sociais.

A proposta de Braga (2010) apresenta uma visão ampla da comunicação, que abrange múltiplas formas de interação humana, evidenciando processos comunicacionais complexos que devem ser estudados em sua diversidade e abrangência. Nessa perspectiva, a ideia tentativa da comunicação não corresponde a uma análise que confirme ou não a sua realização, pois o que lhe interessa é o que ocorre no processo da interação humana, que pode levar a erros, acertos e efeitos, revelando gradientes. Inclusive, fazem parte da problemática comunicacional os "critérios" de "eficácia e de valor" a serem considerados na análise do processo, pois eles compõem arranjos que fomentam questões específicas que nos despertam para uma certa perspectiva do fenômeno que, quando alterados, geram outros problemas, produzindo uma visão distinta (Braga, 2010).

Vale ressaltar que esse processo tentativo não ocorre apenas em instância interpessoal, pois em situações mais abrangentes as "tentativas sociais" podem atualizar contextos culturais, históricos, epistemológicos, dentre outros. O que varia são os contextos, os fatores em questão, os critérios de eficácia e de valor que constituem um arranjo comunicacional específico. O gesto tentativo, em nível social, aparece na forma de "dispositivos sociais para a comunicação", ou seja, o participante de uma situação (ou um grupo social em determinado contexto) pode produzir gestos tentativos que se efetivam como performances. Portanto, em uma situação de interação social tentativa, o processo "se manifesta pela produção social de dispositivos interacionais", que podem gerar, ao longo do processo ou em processos futuros, outros dispositivos, que potencialmente serão apreendidos e utilizados por agentes (ou grupos) para conseguirem interagir e se comunicar (Braga, 2010, p. 72).

Braga (2010) considera que a tentativa é o movimento basilar da comunicação, revelando a impossibilidade do fechamento total na individualidade, pois a vida humana se dá em sociedade, constituindo-se por relações que circunscrevem vínculos formais e simbólicos que compõem a vida cotidiana. Por conseguinte, quando Braga (2010, p. 73) trata das nuances e possibilidades da comunicação como "probabilidade", ele não está sugerindo uma perspectiva estática da questão, mas sim uma abordagem que considera a existência de "tentativas expressamente voltadas para conseguir a comunicação – e que essas em algum grau se realizam", despertando-nos para a concretude dos processos interacionais que geram dispositivos, com o objetivo de otimizar a eficiência da comunicação, superando dificuldades, desentendimentos e erros que acontecem no processo, aumentando "a probabilidade de sucesso". Portanto, a comunicação não só pode

seu argumento crítico, ele pretende demonstrar que o fenômeno da comunicação é muito mais denso e complexo; trata-se de um fenômeno raro que coloca em questão a própria ideia de sociedade da comunicação. Nesse texto é defendida a ideia de que a comunicação se dá em uma relação de abertura mútua para com a alteridade, capaz de provocar efeitos extralinguísticos que geram transformações entre os pares; com isso, a comunicação estaria para além da língua estruturada e dos fenômenos de circulação de informação que compõem a suposta sociedade da comunicação (Libanio, 2024, p. 69-71). O objetivo do referido texto é lançar provocações à área e iniciar debates sobre a comunicação. Em suma, esse não é um texto para ter contato com a Nova Teoria da Comunicação, proposta muito mais ampla do que as ideias do referido ensaio, afinal, todas as teses desse texto sofreram mudanças em sua obra posterior. Para o leitor que deseja ter contato com as ideias mais maduras do autor, indicamos Marcondes Filho (2018).

acontecer como ela acontece entre "o total sucesso e o total fracasso, como resultado de uma ação, de um trabalho humano e social para produzir alguma coisa que não está inteiramente dada" anteriormente (Braga, 2010, p. 72).

2.2 Réplica: a comunicação tem problemas na delimitação do seu objeto

Após a publicação da proposta, Marcondes Filho (2011) responde às questões ressaltando a importância do debate levantado por Braga, de que é necessário discutirmos *o que* é a comunicação. Marcondes Filho (2011) inicia o seu argumento com uma questão fundamental, indagando como seria possível defender teses sobre a comunicação, quando não se tem delimitado, de modo preciso, o que ela é ou como é entendida. Afinal, existem autores que defendem a comunicação como um fenômeno raro e outros que a defendem como algo comum, corriqueiro, porque não há como não comunicar. Nesse sentido, tais perspectivas apresentam proposições pungentes, porém, não haverá o mínimo consenso caso não ocorra um entendimento compartilhado sobre o que é a comunicação. Portanto, os problemas latentes da área decorrem da falta de especificidade do objeto comunicacional, da delimitação do que ele é e do que aborda, desdobrando-se em "problemas de identidade e de afirmação" da área como saber autônomo, impossibilitando o avanço sobre o problema (Marcondes Filho, 2011, p. 171).

Para Marcondes Filho (2011), a comunicação sofre de "duas doenças infantis". A primeira delas é a "debilidade ontológica", pois não temos em nossa área uma delimitação *do ser da comunicação* que tipifique de modo preciso o seu *objeto de estudo*. Esse problema, adverte o autor, é decorrente do nascimento prematuro dos estudos de comunicação, que sobrevivem de modo claudicante com a ajuda de outros saberes, prejudicando o desenvolvimento e a autonomia da área. Por conseguinte, é necessário discutir e delimitar esse objeto, mesmo que ele tenha um caráter difuso e indeterminado (Marcondes Filho, 2011). A segunda doença é a submissão à política, em que Marcondes Filho (2011) questiona o modo como muitos estudos de comunicação operam, otimizando práticas comunicativas para que intervenham na sociedade de modo eficaz, provocando efeitos (o autor insere, indiretamente, o trabalho de Braga nesse horizonte). Esse tipo de estudo sobre a "*ação praxiológica*" não opera de modo isento, mas com fins políticos. Nesse caso, tais propostas se aproximariam de uma ciência política e não de uma ciência da comunicação, porque a busca pela delimitação do conceito de comunicação dá lugar a um estudo sobre a operação de práticas comunicativas "visando um agir instrumental" (Marcondes Filho, 2011, p. 178).

Marcondes Filho (2011) adverte o leitor de que a ideia de comunicação questionada por Braga não é a que ele defende na Nova Teoria da Comunicação, projeto em que suas propostas estão mais desenvolvidas. O que ele mantém do livro *Até que ponto, de fato, nos comunicamos* é a ideia de que a comunicação seja algo raro e que ela possibilita ultrapassar a "proibição de se comunicar imposta pela sociedade da comunicação", entendendo-a como uma interação capaz de gerar algo "verdadeiramente novo". Algumas ideias, como a de que a comunicação exige um reconhecimento mútuo, foram abandonadas, tanto que o autor passou a considerar a comunicação como um "encontro com a alteridade do outro", uma experiência singular e assimétrica com aquilo que nos "acontece", portanto, trata-se de um fenômeno que não pode ser reduzido "à lógica da proporcionalidade ou da fragmentalidade" (Marcondes Filho, 2011, p. 172).

Talvez, Braga não aceite a ideia de que nos comunicamos raramente, sugere Marcondes Filho (2011), pois esta seria uma tese totalizante e, ao mesmo tempo, restritiva ao fenômeno, afinal, existiriam formas "menores" de comunicação que não podem ser desprezadas. Nesse sentido, ele ironiza: há "comunicações grandes, médias e pequenas, cujos critérios de mensuração, entretanto, não são expostos claramente" (Marcondes Filho, 2011, p. 172). A questão, para Marcondes Filho (2011), é a de que não existem

comunicações menores ou maiores, simplesmente ela pode acontecer como um fenômeno transformador ou não acontecer, viabilizando-se como uma simples troca, que acrescenta algo em nossa vida, mas não a transforma, configurando-se como informação, assim como pode não gerar nada, ou seja, as pessoas podem não se entender ou não estarem dispostas a se abrir ao Outro, evidenciando apenas uma sinalização.

A ideia de comunicação de Braga é interpretada por Marcondes Filho (2011) como uma *coisa*, não um fenômeno, algo que pode ser passado de um ao outro, como "um líquido", por isso, ele seria um metafísico da comunicação. Em sua concepção, o que sai do sujeito na forma de sinalização não é incorporado pelo Outro, porque a mente da alteridade "produz" algo singular (Marcondes Filho, 2011). Além disso, Marcondes Filho (2011, p. 174-175) interpreta a proposta de Braga como o "fato de o receptor buscar uma interpretação da mensagem de forma coerente com o ponto de partida, na emissão". Desse modo, a abordagem se restringiria à capacidade de decifrar códigos, demarcando a comunicação como um possível entendimento entre os pares, em que o sentido é ajustado de acordo com o repertório de cada individualidade, indicando a existência prévia do sentido à comunicação, que necessitaria apenas ser reconhecido, configurando o comunicar como algo "morto". Entretanto, não encontramos subsídios no trabalho de Braga que sustentem essas duas críticas de Marcondes Filho, que associa a abordagem *tentativa* aos esquemas clássicos da cibernética sem argumentação sólida.

Quando Braga assume que a comunicação é tentativa, pois remete à probabilidade de sua efetivação, significa que ela é passível de previsibilidade e, nesse sentido, a proposta estaria próxima a um "cálculo", supondo que algo pode se efetuar quando obedece a certa "regularidade" e quando forem "controlados certos fatores interferentes", adverte Marcondes Filho (2011, p. 175). Nessa perspectiva, a comunicação é tomada como um "projeto que pode ser administrado", pois se aumentarmos a eficiência das práticas ou dos modos de agir, a chance de conseguirmos os resultados almejados cresce. Com a proposta de Braga, em síntese, obteríamos uma espécie de "engenharia do evento comunicacional", um "procedimento tecnocrático" que opera visando ao sucesso e à eficiência[5].

Marcondes Filho (2011, p. 177) se opõe à ideia de que a comunicação é o "resultado de uma ação, de um trabalho humano e social para produzir alguma coisa", porque esse sentido indica que os humanos dirigem o processo da comunicação, o que converge com a noção de que a comunicação é algo previsível, que pode ser operado, quantificado, avaliado e otimizado. Em suma, a crítica de Marcondes Filho (2011) vai na direção de demonstrar que Braga visa uma instrumentalização da comunicação ao sugeri-la como um meio de "intervenção social", portanto, ela seria uma teoria política que revela efeitos da debilidade congênita da área, manifestando as duas doenças infantis da comunicação: a insuficiência ontológica e a submissão à política.

2.3 Tréplica: a comunicação como produção de algo singular

Braga (2012) responde às críticas de Marcondes Filho demonstrando pontos de aproximação entre os dois. Em um primeiro momento, ele apresenta a sua perspectiva sobre o estudo da comunicação, delimitando que as "interações sociais são o lugar de ocorrência da comunicação", estabelecendo um eixo central que o permite desenvolver investigações para "apreender algumas lógicas do processo interacional" a partir da delimitação de uma "hipótese heurística", instituindo um objeto de pesquisa e um recorte, dado que a interação social é um fenômeno muito vasto (Braga, 2012, p. 26). Com essa circunscrição, ele sugere a hipótese de dispositivos interacionais, entendendo-os como "matrizes" construídas

[5] No que diz respeito a este aspecto, não concordamos que a proposta de Braga tenha, objetivamente, essa intenção tecnocrática, porém, pensamos que a sua teoria também dá margem a essa interpretação, o que é algo um tanto quanto problemático, porque ela pode ser usada como arma política. Colocamos essa questão diretamente ao autor no evento da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (COMPÓS) de 2023.

e elaboradas nas práticas sociais, viabilizando interações e, ao mesmo tempo, evidenciando o tensionamento em tais relações.

Em sua perspectiva, a sociedade e suas instituições se comunicam, pensam sobre a comunicação, organizam certos aspectos de seus comportamentos e definem "processos sociais". Nesse sentido, a "sociedade sempre se comunicou", entretanto, o fato novo que voltou a nossa atenção para o referido fenômeno foi o desencadeamento de uma "percepção maciça dos fenômenos comunicacionais" no século XX. Antes dessa mudança, a comunicação era "subsidiária das dinâmicas que a moviam – a ponto de sequer ser percebida". Atualmente, as questões são desencadeadas pelas condições e pelo reconhecimento do valor social dos processos comunicativos, evidenciando a sua relevância em múltiplas instâncias da sociedade. Nesse horizonte, Braga (2012, p. 27) afirma que o seu objetivo é estudar "o que a sociedade está fazendo".

Em sintonia com Marcondes Filho, no que diz respeito ao surgimento de algo novo por meio da comunicação, Braga (2012) argumenta que ambos entendem que tal fenômeno ocorre em uma interação humana que produz algo singular em ao menos um dos participantes. Nos termos de Braga (2012, p. 28), ambos estão "trabalhando em um terreno comum: a mudança através de processos comunicacionais", entretanto, ele adota uma abordagem ampla da questão, pois não a entende como um fenômeno raro.

O autor reafirma a proposta de seu artigo anterior, de que a comunicação pode transformar o sujeito que integra o processo interativo e que essa mudança pode ser de alta intensidade, porém, circunscrita a eventos mais incomuns que, quando ocorrem, "são efetivamente valoráveis". Por outro lado, ele também reafirma que a abordagem da comunicação não deve se restringir a esse aspecto, pois existem formas e nuances variáveis nas relações humanas. Em sua perspectiva, a transformação pode ocorrer de forma sutil. Em alguns casos, é notada; em outros, pode gerar pequenos impulsos imperceptíveis até o "momento em que, tomando algum distanciamento, podemos constatar que algo mudou" ou que "está em mudança", demandando uma investigação para conseguirmos observar esses processos (Braga, 2012, p. 29). Além desse aspecto, Braga (2012, p. 30) se opõe à interpretação de que a proposta *tentativa* da comunicação se aproxime das teorias tradicionais como a cibernética, que enfatizam a transmissão de algo entre emissor e receptor, porque, em sua visão, a "comunicação está na escuta", afinal, o gesto tentativo depende de um ouvinte que deseja acolher o enunciado para que a relação se inicie[6]. Em suma, o autor não assume a ideia de que a comunicação seja algo que passe de uma pessoa para outra (Braga, 2012).

A comunicação não necessita de uma decodificação integral da mensagem, adverte Braga (2012, p. 32), pois não há um alinhamento entre "comunicação e entendimento" que exclua outras formas e questões dos processos interacionais. O que existe é um "esforço de entendimento" quando os participantes da interação tentam "convencer, contrapor, selecionar, infletir, se defender, agir em comum" etc., mostrando que, na comunicação, existem entendimentos, desentendimentos, mudanças, decodificações, resistências e outros movimentos que devem ser estudados. Por conseguinte, para entendermos as "lógicas que possibilitam a comunicação", assim como os "elementos" que a limitam, impedindo a "produção do novo", temos que averiguar o funcionamento das mensagens e o empenho dos "dispositivos interacionais" utilizados para a superação de problemas (Braga, 2012, p. 33).

A partir disso, Braga (2012) reafirma que sua proposta não visa tratar a comunicação quantita-

---

[6] Braga apresenta outra aproximação com a proposta de Marcondes Filho, no que diz respeito à relevância da alteridade no processo interativo, afinal, a sinalização ou o gesto tentativo são intencionados, mas cabe ao receptor acolher ou não, e é a partir do seu acolhimento que algo pode acontecer. Nas palavras de Braga, nós podemos "estar dispostos a nos modificar *em presença da alteridade*", porém as posições das partes em relação nem sempre estarão sintonizadas, podemos entender e não entender o Outro durante o processo interativo, acolher certas coisas e resistir a outras, mostrando diversos "graus de escuta, variações complexas na disponibilidade e no *acolhimento*" (Braga, 2012, p. 31, *grifo nosso*).

tivamente, mas sim por "variações de valor", pois os arranjos contextuais do processo interativo variam e, com isso, o fenômeno se altera. Ao estabelecer uma abordagem ampla das interações humanas para estudar a comunicação, o autor aponta que não está interessado em uma "busca de essências", mas sim na própria variedade e diversidade dos processos comunicacionais (Braga, 2012). A comunicação é imprevisível, então, não há como ter "certeza" de seus "resultados" e, por esse motivo, Braga (2012) enfatiza a *tentativa* em sua proposta. Nesse sentido, quando o autor afirma que a comunicação é probabilística, não quer dizer que sua abordagem seja estatística, mas sim que o fenômeno é provável, ele pode ou não ocorrer, cabendo ao pesquisador realizar investigações de casos específicos, observando seus arranjos e valores (Braga, 2012). Portanto, em sua proposta, a comunicação não é controlada pelos humanos.

Nesse horizonte, o autor indica uma diferença marcante entre investigar as composições, direções e intervenções dos participantes da interação e abordar administrativamente o processo com vistas a controlá-lo e decodificá-lo, pontos que tipificam a abordagem política da comunicação. O seu objetivo é a produção de conhecimento que, como adverte o autor, pode ser usado para o "nosso bem-estar e agir na sociedade, em busca de um melhor entendimento entre os humanos" (Braga, 2012, p. 38).

Nessa perspectiva, não se pode construir conhecimento do fenômeno por meio de processos puramente abstrativos, mas podemos saber onde ele está e, por isso, devemos ir a esses espaços da "realidade" para observar "as práticas que os próprios participantes relacionam como sendo comunicação" (Braga, 2012, p. 39). Com o estudo de tais práticas, é possível nos aproximarmos progressivamente do fenômeno, tornando viável a delimitação do objeto de estudo da comunicação. Portanto, Braga (2012) almeja investigar o seguinte objeto: as interações sociais, abordando fenômenos da realidade social na tentativa de compreender suas "lógicas e processos", desentranhando o comunicacional das interações a partir de "pistas e indícios" de sua ocorrência.

Na própria agonística do trabalho acadêmico, adverte Braga (2012), revelam-se ações que buscam uma intervenção para serem entendidas e, nesse sentido, as duas propostas (a *Nova Teoria* e a abordagem *Tentativa*) são praxiológicas. Em outros termos, Braga (2012) pretende demonstrar que o processo de interlocução entre os autores evidencia que o seu argumento é o vencedor, afinal, o que ambos estavam fazendo descreveria um *processo comunicacional tentativo*. Nesse ponto, Braga está parcialmente correto, afinal, a proposta de Marcondes Filho também poderia descrever o mesmo contexto, chegando a outros resultados ao ressaltar diferentes aspectos e abrir novos horizontes de sentido, revelando que o seu enunciado mudou a forma de Braga apresentar sua própria teoria e, com isso, ficaria evidente a ocorrência de um *acontecimento comunicacional*. Portanto, o recurso empenhado por Braga (2012) é meramente retórico.

2.4 Análise do debate

A diferença entre os dois está na fundamentação do objeto de estudo, na delimitação *do que* a comunicação estuda e *como* aborda o seu respectivo fenômeno. Então, o eixo da discussão é a delimitação ontológica, ou seja, a circunscrição do objeto da área, que entendemos neste texto como: *apresentação propositiva do modo de ser específico do fenômeno comunicação*. Para Marcondes Filho, o objeto de estudo da comunicação é um ser no tempo, descrito como a transformação existencial e subjetiva decorrente de um encontro com a alteridade. Na visão de Braga, o objeto de estudo da comunicação são os processos que ocorrem nas interações sociais. Portanto, a diferença não está na amplitude das abordagens, como sugeriu Signates (2022), pois ambas têm um longo alcance, mas sim na definição do objeto. Uma das propostas defende a fundamentação do conceito em nível abstrato para depois avançar sobre a empiria; e a outra sugere uma metodologia para desentranhar o conceito da realidade, em outros termos, a sugestão de Braga se centra no *como* para evi-

denciar o *que*; e a de Marcondes Filho no *que* para sustentar o *como*.

A perspectiva de Marcondes Filho é fenomenológica, ela apresenta uma delimitação da comunicação a partir do seu modo de ser no mundo como abertura ao estranho; a abordagem de Braga antecede a teoria, ela é metodológica, pois apresenta um modo de se estudar a comunicação a partir das interações sociais. Entretanto, Braga não apresenta uma delimitação precisa, pois ele descreve o objeto como processos interacionais, algo muito amplo e inespecífico, além disso, exige-se do pesquisador um desentranhamento do comunicacional, entretanto, como vamos desentranhar o comunicacional da interação, sem saber o que é a comunicação? O *como* pode antecipar e definir o *que*?

O *como* só poderia antecipar um estudo aplicado do *que*, no sentido de que existe uma delimitação anterior que sustente a abordagem sobre um dado da realidade, para aí sim avançar sobre a realidade e extrair novas interpretações. Esse é um aspecto lógico da fundamentação de um saber. Nessa perspectiva, a proposta de Braga só teria sentido lógico se fosse uma ciência social aplicada, caso considerasse o senso comum como um fato social sustentado pelas interações e, a partir disso, investigasse o que há de comunicacional no fenômeno. Se esse for o caso, a comunicação não teria uma regionalidade ontológica específica, mas derivada.

No que diz respeito à Nova Teoria da Comunicação, o autor não apresenta uma fundamentação ontológica da comunicação precisa, ele a estabelece, ao menos no referido artigo, como um acontecimento proveniente de uma abertura, algo muito amplo e insuficiente para delimitar um objeto de modo concreto (Marcondes Filho, 2011)[7]. Caso a abertura seja o que torna possível a ocorrência da comunicação, então, o que define tal abertura e como ela se constitui ontologicamente? Se a abertura é o que propicia, a transformação do sujeito apenas se consuma *post factum*... Em suma, o argumento do autor apresenta algumas das condições em que a comunicação acontece, mas nos limites de sua descrição ele faz mediações conceituais[8], afastando-se da especificação objetiva e concreta[9] do fenômeno.

Em síntese, ambos os autores *apresentam insuficiências na fundamentação do objeto de estudo da comunicação*, ou seja, a crítica levantada por Marcondes Filho é correta, mas também acomete a Nota Teoria da Comunicação. Agora, temos que discutir a atualização dos projetos para avaliarmos se o problema é superado ou não.

---

[7] No parágrafo 15 das *Meditações Cartesianas*, Husserl (2024) descreve as distinções entre a *reflexão natural* e a reflexão *fenomenológico-transcendental*. Na reflexão natural estamos no horizonte das vivências psicofísicas, ou seja, da volatilidade do mundo e da experiência psicológica de nossas vivências psíquicas. Nesse caso, estamos no "terreno do mundo que está dado de antemão como um ser", na percepção direta do mundo, nas vivências originárias. Por outro lado, na reflexão fenomenológica, Husserl (2024) propõe um deslocamento desse domínio por meio da *epoché* (da suspensão de um certo fenômeno para nos voltarmos a ele com um olhar desinteressado, ingênuo, no sentido de nos livrarmos dos pressupostos *a priori*, assim como da volatilidade da experiência mundana), permitindo-nos um olhar para a materialidade de um *cogito* "transcendentalmente reduzido", que nos viabiliza uma potencialidade descritiva do dado, distinta da percepção direta do mundo que torna *objeto* o que era anteriormente uma vivência. Nesse sentido, no horizonte fenomenológico retornamos à própria vivência de consciência, não para repetir experiência originária, mas para explicitar o que nela pode ser encontrado, possibilitando a evidência de uma peculiaridade intencional: a emergência da própria vivência e o modo como ela se dá. Com isso, Husserl aponta para a relação entre consciência e mundo, ao mesmo tempo, apresenta uma forma de saber descritivo que pode trazer avanços significativos para as condições e as possibilidades do conhecimento humano (Husserl, 2024, p. 100). Em síntese, na visada fenomenológica, livre de pressupostos *a priori*, evidencia-se a concretude do dado que se doa à consciência. Valendo-nos de uma leitura levinasiana da questão, que nega o percurso transcendental e o psicológico da *epoché* husserliana, entendemos que a investigação do concreto propiciada pelo retorno ao pensamento ingênuo pode ser utilizada para descrever horizontes de significação do fenômeno, atribuindo sentido a ele (Libanio, 2024). Entretanto, não nos interessa que Husserl tenha construído a fenomenologia estática como pensamentos que visam objetos, e sim a descrição do horizonte de significação do dado na retomada do pensamento ingênuo, buscando evidências concretas a partir da relação com a exterioridade. Portanto, acreditamos que seja necessária a reflexão sobre a evidência concreta do fenômeno comunicação, descrevendo as suas possibilidades de significados e sentidos, para alcançarmos uma definição objetual possível da comunicação (que as propostas apresentadas por Marcondes Filho e Braga não alcançam), capaz de sustentar sua fundamentação ontológica, tal como estamos defendendo em outro texto (Libanio, 2026).

[8] O movimento de mediação teórica ocorre no processo argumentativo quando um conceito é respondido ou descrito por outro conceito. No geral, esse recurso não é problemático, porém, quando ele diz respeito a uma descrição de um objeto de estudo, ele se torna um problema.

[9] O concreto não tem o sentido de empírico, mas sim de evidência basilar do dado à consciência. Afinal, como nos demonstra Husserl (2024), os dados empíricos estão em um horizonte psicofísico que é volátil, de modo que não se pode extrair desse campo uma evidência concreta e um horizonte de significação possível, capaz de fundamentar o conhecimento.

3 José Luiz Braga: dos dispositivos aos processadores comunicacionais

Os textos de Braga foram publicados em artigos esparsos e não apresentam uma tecitura uniforme sobre como ele fundamenta seus estudos sobre a comunicação. Portanto, a nossa exposição reúne um conjunto de artigos diversos, com o objetivo de captar os aspectos gerais de sua proposta teórica mais recente à comunicação[10].

Braga (2016) afirma que a comunicação é simplesmente o que designamos por "comunicação no senso comum – nesse espaço não precisa ser explicada", porque todos sabem usar essa palavra de modo pertinente. Nesse sentido, o trabalho do pesquisador da comunicação consiste em observar os usos e as ações do senso comum para desenvolver uma "verdadeira disciplina de conhecimento", apoiado nos saberes das Ciências Sociais e da Filosofia (Braga, 2016, p. 19).

Em outro texto, o autor avança na discussão sobre comunicação e senso comum. Braga (2018) identifica três aspectos gerais do senso comum: as competências humanas; os processos sociais; e o acervo estabelecido. Tal composição autoral da questão destaca-a como um fenômeno "humano e social", ou seja, como algo que está envolto na própria espécie humana, que se exercita socialmente a partir de processos específicos que resultam em um produto, que diz respeito ao "acervo reconhecível de ideias, enunciados, decisões, atos e regras", difundidos e compartilhados nos processos culturais, evidenciando a possibilidade e o "reconhecimento" de como as ações podem formar vínculos e gerar conteúdo (Braga, 2018, p. 35).

Por ter tais características, o autor considera o senso comum como um "modo de conhecimento – um saber de tipo especial, disseminado na sociedade", algo "intuitivo" que é "marcado pela experiência subjetiva", que se projeta nos enfrentamentos de problemas "concretos" da vida em sociedade, em suas diversas práticas e dinâmicas do cotidiano que exigem uma constante adaptação (Braga, 2018, p. 37). Portanto, no que diz respeito aos problemas da realidade, o senso comum opera de modo tentativo, por meio de ensaios e erros, produzindo um conhecimento que leva à adaptação e à superação de questões específicas, circunscrevendo a sua lógica processual de funcionamento (Braga, 2018).

A sociedade produz de modo interativo o "senso comum" (Braga, 2018). Para a existência e a manutenção desse âmbito, mostra-se fundamental a "comunicação social", no sentido de "enfrentamento tentativo das situações do mundo através de articulação e de tensionamento produtivo entre as diferenças dos seres humanos" (Braga, 2018, p. 38-39). Portanto, o senso comum é o lugar da sociedade em que podem ser observados os "processos de comunicação em ação", entendendo-os como superação de problemas reais (Braga, 2018, p. 44).

Em seus últimos trabalhos, Braga (2023) sugere um estudo sobre processadores comunicacionais, atualizando o conceito de dispositivo[11], apresentando maior complexidade no discernimento das interações humanas. Alicerçado em Hannah Arendt, o autor pontua que a comunicação se inicia como um problema da espécie humana, dado que sua existência se dá em sociedade e, consequentemente, é permeada por diferenças e igualdades entre as individualidades. Portanto, a igualdade viabiliza a interação e as diferenças mostram a necessidade da comunicação para a superação de problemas.

Os processadores são entendidos como elementos componentes das interações humanas e formadores do tecido social, de natureza dinâmica e evolutiva que, quando observados detalhadamente, podem apresentar certa estabilidade. Por terem alguma conservação, viabiliza-se uma pesquisa sobre a diversidade e a pluralidade das

---

[10] Não notamos variações significativas no último trabalho publicado por Braga (2025), pelo menos no material com que tivemos contato. Observamos apenas uma melhor delimitação de algumas ideias que, em essência, estavam presentes nos textos selecionados para o debate. Não temos o objetivo de esgotar ou apresentar todo o pensamento do autor, portanto, propomos apenas uma síntese de ideias que julgamos fundamentais e que foram cabíveis, dada a estrutura argumentativa de um artigo.

[11] No evento de 2023 da COMPÓS, durante os debates sobre a sua proposta, o autor mencionou que o seu novo projeto tenta atualizar a noção de dispositivos comunicacionais, sugerindo uma leitura mais complexa sobre a comunicação a partir dos processadores.

interações humanas em sociedade, na busca de compreender o movimento desses processadores e como eles reverberam na *práxis* social como ferramentas eficientes para o comunicar.

A partir de Hannah Arendt, o autor sugere que as ações e as falas podem ser interpretadas como gestos comunicacionais, pois são um trabalho exercido pelos indivíduos para participar de contextos e situações interacionais que compõem a vida humana em sociedade, exigindo constante articulação em situações imprevisíveis. As ações, em sua potência, podem incidir na situação, alterando-a no sentido previsto pelo agente, evidenciando-se bem-sucedidas. Nesse caso, a prática pode se tornar uma ferramenta simbólica para conquistar objetivos em certas circunstâncias, tornando-se um processador comunicacional inscrito no tecido social, fornecendo caminhos para a superação de questões emergentes da realidade (Braga, 2023). Portanto, o gesto comunicacional é uma ação empenhada com base nos recursos socialmente produzidos e partilhados para tentar equilibrar as diferenças em uma situação desafiadora, inscrita em condição social e cultural concreta, que ocorre de modo absolutamente singular, com o objetivo de propiciar uma comunicação, ou seja, resolver um problema (Braga, 2023).

Por esses motivos, sua proposta não foca nos meios que envolvem a interação, pois isso impossibilitaria um olhar heurístico do problema, composto por múltiplos processos dinâmicos, além dos meios e das mediações (Braga, 2023). Nesse sentido, para analisar os processadores comunicacionais é necessário levar em conta os seus modos de produção, composição e inovação, que potencialmente produzem uma evolução da "dinâmica comunicacional na práxis social" (Braga, 2023, p. 8). Em síntese, os processadores podem ser considerados um arranjo capaz de fornecer "instrumental, procedimentos e padrões" aos agentes a partir de bases partilhadas socialmente, que permitem o empenho de ações para resolver problemas e dão margem para uma constante atualização (Braga, 2023, p. 9-10).

Braga (2023) sugere uma leitura evolutiva da práxis social, entretanto, ele adverte que não se trata de uma transferência analógica do evolucionismo de Darwin. O que é absorvido dessa ideia é a lógica de que o processo de variação de ocorrências em determinados contextos se distingue do ambiente natural. Nesse sentido, não o interessa apenas a transformação dos elementos, mas como o "processo se desenvolve" em uma variância entre mudança e estabilização no movimento de adaptação. Em suma, o autor ressalta o potencial dessa teoria em sua aplicação à "dinâmica comunicacional na sociedade" (Braga, 2023, p. 6).

Em síntese, podemos dizer que Braga está interessado em estudar como as individualidades lançam mão de recursos sociais e simbólicos para atingir seus fins objetivos em situações tensionais, observando se as ações têm potencial comunicativo e se afetam o contexto ao gerar diversidade. Ele está interessado na dinâmica dos processadores comunicacionais, em como atuam nas interações por meio de gestos comunicativos e como são atualizados por essas práticas, compondo novas realidades sociais.

3.1 Análise

Para sustentar a proposta, Braga parte de uma fundamentação ontológica, proveniente de Hannah Arendt, que justifica seu ponto de partida: a vida humana é composta por igualdades e diferenças que, para superar seus desejos e necessidades, precisam se comunicar. Trata-se de uma delimitação de um invariável do social, uma circunscrição geral do seu ser, mesmo que Braga não concorde com o termo, na prática, ele opera a partir da fundamentação da essência do social. Algo similar ocorre com a sua ideia de senso comum, que pressupõe: que estamos no mundo em articulação tensional com as demais individualidades (1); que as individualidades são iguais, o que possibilita a interação, e são diferentes, demandando a existência da comunicação para suprir necessidades e desejos (2); que, no limite, a comunicação é o resultado de uma disposição tensional entre diferenças que interagem para superar problemas da realidade

(3); que as ações humanas, quando bem-sucedidas, passam a se inscrever na cultura e no senso comum, tornando-se uma prática social cristalizada que atualiza as dinâmicas sociais (4). Os pontos 1 e 2 tratam das competências humanas, 3 e 4 dos processos sociais e 4 do acervo estabelecido. Portanto, existem ao menos quatro eixos ontológicos que sustentam sua proposta, evidenciando uma delimitação de essência do social e do senso comum. Entretanto, o que há de concreto nessa construção argumentativa?

A ideia de humano como um iniciador, por exemplo, que tem a sua existência como *vita activa* em Hannah Arendt, que Braga utiliza, mas não cita em sua proposta, marca o *initium* do humano diferente do princípio do mundo[12], devido à sua emergência como início do começo, além de revelar que a liberdade só passou a existir com a presença do próprio humano, demarcando sua existência no mundo entre igualdades e diferenças, sem as quais não haveria comunicação possível[13]. Tal fundamentação geral da condição humana é ontológica, queira Braga ou não.

Para fundamentar o seu objeto, o autor utiliza inúmeros pressupostos que antecedem a comunicação. Ontologicamente, a teoria parte de um ponto que não é especificamente comunicacional ao tratar da condição humana em geral, além disso, seus pressupostos ontológicos nem sequer são desenvolvidos, nos forçando a voltar às suas fontes para compreendê-los. Devido à insuficiência na delimitação dos princípios, o autor apresenta o seu objeto a partir da delimitação de um fato social, a evidência do senso comum na sociedade. Posteriormente, ele sustenta que tal fato é construído e atualizado pelas interações humanas, que tais interações tipificam a comunicação e que a comunicação é resolução de problemas. Em outros termos, assim como Marcondes Filho, no limite de sua proposta não encontramos fundamentações objetivas, mas sim mediações teóricas. Em suma, com a atualização de seu projeto, no que diz respeito ao objeto, o *que* e o *como* foram ampliados, porém, a crítica de Marcondes Filho ainda procede, pois a abordagem apresenta insuficiências ontológicas.

4 Ciro Marcondes Filho: o acontecimento comunicacional e a incubação

Marcondes Filho (2018) propõe a fundamentação de uma ciência da comunicação autônoma, uma comunicologia. Em um primeiro momento, ele mostra a importância da delimitação ontológica da comunicação[14], justamente por não a entender como um objeto no sentido clássico do termo, pois ela é uma relação que produz um acontecimento transformador na vida de um ou mais indivíduos, provocando um antes e um depois, alterando seu modo de ser, pensar e viver. Por ter as características de novidade, efemeridade, mudança e movimento, a comunicação não pode ser delimitada em um quadro neutro e objetivo que aponte o que ela *é*; devido ao seu modo de ser, podemos apenas identificar como ela *se efetiva* ou *se dá*, observando seus arranjos e desdobramentos ontológicos. Cabe, nesse sentido, ao pesquisador da comunicação estudar o fenômeno em sua ocorrência, avaliando seus modos de efetivação, sua constituição e seu desdobramento a partir de uma operação investigativa descritiva, que ele denomina de *metáporo*, um procedimento que possibilita a construção de um conhecimento, circunscrevendo o campo da epistemologia da comunicação (Marcondes Filho, 2010, 2018). Em geral, tais ideias se mantiveram em todo o desenvolvimento do projeto de Marcondes Filho.

Desde o primeiro tomo da *Nova Teoria da Comunicação* até os seus últimos ensaios, o autor insistiu na ideia de que o ponto de partida da co-

---

12 Aqui, a filósofa parece contrapor a ideia de abertura ao mundo como princípio ontológico, defendida por Heidegger em *Ser e Tempo*.
13 Fazemos menção à obra *A condição humana* (Arendt, 1958), que é a base da proposta de Braga.
14 Segundo Marcondes Filho (2018, p. 13), a definição de um objeto de uma ciência é a delimitação de sua ontologia, porém, isso não remete ao fechamento em uma estrutura rígida, apenas "demarcar os 'sintomas' que circundam o objeto", ou seja, trata-se um estudo das circunstâncias que ela ocorre. Neste trabalho, estamos discutindo se é possível delimitar um objeto dessa forma, apenas indicando as suas condições e possibilidades sem a evidência concreta do objeto.

municação é a abertura ao mundo[15]. Retomando *Ser e Tempo*, de Heidegger, o autor aponta que o humano é o único ente que questiona o ser e o seu sentido. Além desse aspecto, Marcondes Filho (2010) nos lembra que o filósofo alemão estabelece como pressuposto basilar de sua teoria a "abertura do Ser", delimitando-a como início que viabiliza a condição de ex-sistência do ente no mundo, possibilitando a sua abertura para a exterioridade, a relação com os demais entes e o novo. A capacidade humana de se abrir para algo é descrita por Marcondes Filho (2010, p. 38-39) como "*potencialidade para a comunicação*", opondo-se às concepções filosóficas que consideram o humano como um sistema fechado. Em sua concepção, Merleau-Ponty teria ampliado a questão do ser ao sugerir que as "significações que obtemos do mundo" são derivadas de nossas iniciativas, de nossa "abertura", que não se apropriam da exterioridade, mas permitem que nos coloquemos em uma situação de vulnerabilidade para sofrermos os impactos da novidade (Marcondes Filho, 2010, p. 39-40). Em seus textos posteriores, Marcondes Filho (2018) mantém a ideia de que, caso o sujeito esteja fechado, no âmbito solipsista, não existe possibilidade de comunicação, afinal, é necessária a abertura para que uma relação vulnerável com a exterioridade seja viável.

Em um texto maduro de Marcondes Filho, o autor considera que Gilles Deleuze e Roland Barthes foram os autores que mais se aproximaram de sua ideia de comunicação, pois mostram que para um acontecimento emergir não basta o impacto, no sentido "sensório-motor", é necessário um "*choque*" que nos violenta, afetando nossas visões de mundo e valores. Por outro lado, essa relação intensa com a exterioridade não pressupõe uma fusão entre entes, como teria sugerido Bataille. Alicerçado em Levinas, Marcondes Filho (2018) pontua que é necessária uma ação do "outro sobre mim" e que as reverberações desses afetos se dão de modo assimétrico. Em suma, a comunicação é o resultado de um impacto inesperado do Outro sobre nós, que nos desarranja, provoca uma ferida, como sugeriria Barthes, pois é necessário produzir sentido, sentir intuitivamente que não é mais o mesmo, perceber que ocorreu uma destruição "criativa" de si próprio, para que ocorra a comunicação (Marcondes Filho, 2018).

O impacto da exterioridade não é determinante para o acontecimento da comunicação, porque existe a necessidade de um monólogo interior após as afecções, um tempo de incubação. Em síntese, trata-se de uma temporalidade em que os afetos são maturados pela individualidade, que se inicia após o evento e se encerra no momento da intuição intelectual, momento em que o sujeito postula se houve ou não a efetivação do acontecimento comunicacional. Com a delimitação desse aspecto, o autor mostra que a comunicação é um fenômeno relacional e que os afetos gerados repercutem de modo assimétrico em cada subjetividade. Portanto, em nossa perspectiva, a comunicação, para Marcondes Filho (2018), é um estudo fenomenológico sobre como a relação com a alteridade pode gerar uma alteração na composição da subjetividade.

Na perspectiva do autor, em rigor, podemos dizer que "*nada se comunica*", pois nenhum conteúdo é efetivamente transmitido de um para o Outro, a relação se inicia por meio do acolhimento de uma sinalização exterior que permite o início de uma relação, que pode gerar um acontecimento. Entretanto, Outrem tem uma natureza insondável, a ponto de não sabermos como e de que modo ele foi afetado pelo sinal[16]. Nesse sentido, Marcondes Filho (2018) considera que não "há objeto direto no verbo comunicar", nunca estamos em condições de capturar esse algo "estranho" que nos afeta, afinal, trata-se de um "incorpóreo" e seus efeitos provocam uma

---

[15] A exceção são três ensaios experimentais apresentados em *Comunicologia ou Mediologia?*, em que ele sugere que o princípio da comunicação seja o encontro com a alteridade. Apresentamos essa discussão em outros espaços (Libanio, 2024; Moreira; Libanio, 2022).

[16] A única possibilidade de sabermos o que o sujeito afetado sentiu é por meio do relato após a incubação. Justamente, a abordagem investigativa adotada pelo autor, o *metáporo*, é descrita como uma experiência imersiva de pesquisa em que o estudioso experiencia algo novo, como uma exposição a um evento estético, por exemplo, um filme, que deve ser maturada, incubada e, após a intuição intelectual, descrita em forma de relato vivencial, apontando em sua conclusão se ocorreu ou não a comunicação. Desenvolvemos de modo mais amplo a questão em outros espaços (Libanio, 2018, 2022, 2024).

"transformação incorpórea", como teriam sugerido Deleuze e Guattari. Em suma, dos impactos do incorpóreo, provenientes do atrito dos corpos, como teriam postulado os estoicos, apenas conseguimos observar os seus efeitos após provocarem um antes e um depois, permitindo-nos dizer se a experiência produziu sentido ou não, se aconteceu ou não a comunicação (Marcondes Filho, 2018)[17,18].

Um aspecto fundamental da proposta de Marcondes Filho, que gerou críticas na área, foi a delimitação da comunicação como acontecimento que, hipoteticamente, poderia restringir o fenômeno a apenas um modo de ser (Signates, 2022; Braga, 2010, 2012). Ressaltamos que essa hipótese não procede, pois a comunicação só faz sentido em articulação com a sinalização e a informação. Os três conceitos, em intersecção, compõem a dimensão comunicacional da *Nova Teoria*. Em síntese, a sinalização diz respeito ao nosso estar no mundo, dado que existir é sinalizar. Quando esse movimento é intencional, empenhado com o objetivo de afetar uma ou mais pessoas, então temos uma tentativa de estabelecer um vínculo, uma sinalização ativa. Caso uma ação dessa natureza seja bem-sucedida, forma-se uma relação e, dependendo dos efeitos gerados nessa experiência, pode ocorrer um processo informacional ou um acontecimento comunicacional. O evento será informativo se ele adicionar algo à vida do sujeito, atribuir dados ao seu cotidiano e conhecimento, mas não alterar o seu modo de pensar, não produzir um antes e um depois. Por outro lado, caso a sinalização ativa produza um encontro que provoque a transformação radical do indivíduo, então, ocorreu a comunicação.

Podemos notar que, para Marcondes Filho, não há possibilidade de ocorrer um acontecimento comunicacional se não existir o Outro, uma exterioridade que acolhe a sinalização intencional. Entretanto, é necessária a ação do emissor do sinal, que também é um Outro para o sujeito que o acolhe, indicando que a comunicação é relacional e não se restringe ao campo da ipseidade. Por outro lado, é o movimento de acolhimento que permite a comunicação, pois viabiliza a entrada do estrangeiro, a presença do estranho em nós. Com essa fundamentação, Marcondes Filho (2018) mostra que a alteridade é fundamental para a efetivação da comunicação.

A partir dessas ideias, o autor mostra que não podemos garantir que os fins da sinalização sejam atingidos, afinal, quem controla a relação é o Outro, o receptor decide se vai acolher o sinal ou não. O âmbito do acolhimento é delimitado por Marcondes Filho (2018) como o aspecto feminino da comunicação, que remete à abertura e à possibilidade de recebimento da emissão, um processo raro, pois diversas pessoas desejam falar, mas um número restrito deseja ouvir. Portanto, o desdobramento dos afetos gerados pela sinalização, em quem a recebe, é imprevisível e demanda um tempo de incubação, para que o sujeito possa expressar se houve ou não um acontecimento comunicacional.

4.1 Análise

Dada a exposição da atualização do projeto de Marcondes Filho, podemos dizer que o objeto da comunicação é um ser no tempo (1), que se dá em uma abertura (2), estabelecendo o princípio ontológico da comunicação. Em sua perspectiva heideggeriana, a abertura dirige-se ao mundo e não ao Outro (3), pois este seria o movimento que possibilita o encontro com o novo e os demais entes (4), consequentemente, tal descerramento torna viável a comunicação. Nesse caso, notamos quatro premissas que antecedem a delimitação da comunicação, por conseguinte, o que a fundamenta (a abertura) não define o que é específico da comunicação, apenas mostra o movimento e o traço ontológico que a propiciam, que não são

[17] Podemos notar que o autor absorve ideias de fontes que partem de fundamentos filosóficos absolutamente distintos, sem estabelecer no estudo do tema uma distinção rigorosa entre elas e uma correlação a partir de um eixo. Esse recurso, utilizado na construção do argumento, pode ser denominado de ecletismo teórico. Um fenômeno comum na área de comunicação, algo natural quando não há a delimitação específica do objeto de estudo do campo e de suas possíveis linhas interpretativas.

[18] O nosso intuito neste texto não é fazer uma discussão pormenorizada da Nova Teoria da Comunicação. Por conta da extensão e das nuances do projeto, fazemos apenas uma abordagem sintética de seus aspectos gerais. Caso o leitor queira ter contato com uma reconstrução histórica e crítica do projeto da Nova Teoria da Comunicação, recomendamos o tópico 1.a da obra (Libanio, 2024).

capazes de descrevê-la concretamente.

Podemos descrever os passos do processo abstrativo retrospectivo de Marcondes Filho da seguinte forma: a comunicação é um acontecimento; o acontecimento é uma relação que provoca uma transformação radical; a relação é um vínculo formado entre uma sinalização ativa e uma alteridade; o vínculo é uma relação possibilitada pela abertura; a abertura é o modo com que o ente entra em contato com o mundo, os entes e o novo; e a abertura é um ser no tempo.

Nesse caso, o princípio da abertura parece não ser originário, pois é mediado pelo seu modo de ser no tempo. Além disso, se a existência é abertura ao mundo, também estamos pressupondo um mundo que antecede a possibilidade da abertura. Entendemos a interpretação de que a abertura é a forma do ente ex-sistir no mundo, por isso, ela seria o princípio. Entretanto, ela é insuficiente, porque especifica um princípio via mediação teórica[19]. Fenomenologicamente, essa fundamentação não é precisa, visto que não parte de um dado concreto, o que nos permite dizer que o princípio escolhido pelo autor não é capaz de descrever de modo radical a comunicação humana. Ao sustentar o fenômeno no princípio da abertura, revela-se a possibilidade de o ente ex-sistir no mundo, entretanto, isso não diz respeito à comunicação, mas a um pressuposto mediativo para evidenciar a potência da existência do ente. Portanto, Marcondes Filho utiliza mediações teóricas para dizer como se dá o acontecimento comunicacional, porém, no limite, na raiz da questão, ele se restringe à abertura do ente ao mundo, demonstrando insuficiências ontológicas. Em sua jornada, voltamos a *Ser e Tempo*, de Heidegger e, nesse sentido, o que temos de novo? A proposta de Heidegger pode ser suficiente para delimitar, de modo concreto, a comunicação?

5 Considerações finais: as insuficiências ontológicas da comunicação e a potência do debate

Ambos os teóricos não resolvem o problema da delimitação da comunicação em seu sentido concreto, *especificando seu objeto de estudo de maneira radical, sem mediação teórica ou a priori*. Em diferentes perspectivas, eles partem da ideia de que estamos no mundo, mas não especificam o *que* é peculiar à comunicação, apenas tangenciam a questão. Ambos apresentam insuficiências ontológicas. Braga, pela falta de precisão em seus pontos de partida, principalmente na delimitação do *que*; para que sua abordagem faça sentido, temos que considerar o senso comum como um fato social e o estudo aplicado da comunicação[20]. Marcondes Filho, recorrendo ao ecletismo teórico[21], acaba por retomar o pressuposto da abertura ao mundo de Heidegger para fundamentar sua proposta, mas sem justificativa ampla e avaliação das possíveis consequências dessa posição. Além disso, ambos os projetos utilizam o recurso de mediação teórica para apresentar a fundamentação da comunicação e, por fim, não conseguem especificar o objeto da área em seu sentido singular. Afinal de contas, o que especifica o estudo da comunicação? Qual é o seu objeto de estudo[22]?

Se as duas questões não foram contempladas pelas propostas, como podemos dizer que a área está em um estado infantil e apresenta doenças decorrentes de problemas congênitos, como sugeriu Marcondes Filho? Francamente, talvez essa criança ainda não tenha nascido. Então, em que fase estamos do processo? Em nossa perspectiva, encontramo-nos nos estágios mais embrionários da fundamentação da comunicação como saber.

---

[19] Lembrando que a mediação teórica é um recurso argumentativo que explicita conceitos por meio de outros conceitos, sem descrever a questão *per se*.

[20] Em outras palavras, em nossa perspectiva, a proposta de Braga só faz sentido caso considere a comunicação como uma ciência social aplicada, sem autonomia como saber.

[21] Lembrando que o ecletismo teórico é a reunião de pressupostos de diversos autores de diferentes segmentos, sem levar às últimas consequências seus pressupostos ou delimitar um eixo temático-filosófico para correlacionar as ideias. No caso de Marcondes Filho, apesar de assumir claramente a fenomenologia como ponto de partida, ele não a utiliza, de fato, para sustentar a sua proposta.

[22] Nesse caso, indagamos qual é o objeto no sentido fenomenológico, capaz de delimitar a regionalidade de um campo do conhecimento, formular suas possibilidades de investigação teórica e empírica, assim como os métodos de pesquisa possíveis para tal empreitada.

Apesar de dispormos de várias teorias, ainda não encontramos propostas capazes de fundamentar sua regionalidade ontológica, o seu *que* e o *como*. Portanto, o debate nos desperta para a possível inexistência da comunicação como área do saber autônoma.

Por outro lado, destacamos as contribuições dos autores. Primeiramente, podemos dizer que ambos apostam na comunicação como um fenômeno relacional, que demanda o contato com a alteridade ou a diversidade, sem a qual não parece ser possível comunicar. Além disso, as propostas apresentam um horizonte comunicacional, ao evidenciarem tipos e formas de relações humanas que o fenômeno engloba, prospectando certo potencial exegético. Enfatizamos uma das ideias de Braga, que explicita a necessidade de discutirmos os fundamentos da comunicação de uma perspectiva que antecede a teórica. Com relação a Marcondes Filho, enfatizamos a tomada de posição da fenomenologia como corrente de estudo basilar para a comunicação, indicando a necessidade de descrever suas camadas ontológicas e seus modos de manifestação.

Em síntese, diversas ideias emergem desse debate. A fundamentação da comunicação humana nos leva à reflexão crítica sobre o contemporâneo: estamos, de fato, em uma sociedade da comunicação? Na redução do fenômeno, observamos a necessidade de descrever, livre de pressupostos *a priori*, o *que* e *como* algo se dá em um contato humano para que ele seja comunicativo. Em suas distintas manifestações, podemos notar qualidades específicas, como a existência de níveis de comunicabilidade distintos em cada relação, o que explica a singularidade de suas ocorrências. Entretanto, para alcançarmos esse nível ontológico, acreditamos que seja necessário delimitar o sentido concreto do que especifica a comunicação como saber, apresentando uma *fundamentação basilar* possível, em nível ético e ontológico, capaz de circunscrever *o elemento peculiar e invariável da comunicação*, direcionando nossa visada sobre o fenômeno.

Referências

ARENDT, Hannah. *The human condition:* introduction by Margaret Canovan. Chicago: University of Chicago Press, 1958.

BRAGA, José Luiz. Nem rara, nem ausente: tentativa. *Revista Matrizes*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 65–81, jul./dez. 2010. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v4i1p65-81. Acesso em: 20 mar. 2026.

BRAGA, José Luiz. Interação como contexto da comunicação. *Revista Matrizes*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 25–41, jul./dez. 2012. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v6i1-2p25-42. Acesso em: 20 mar. 2026.

BRAGA, José Luiz. O que é comunicação? *Revista Libero*, São Paulo, v. 19, n. 38, p. 15–20, jul./dez. 2016. Disponível em: https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/794. Acesso em: 20 mar. 2026.

BRAGA, José Luiz. A comunicação e o senso comum. *Paulus:* Revista de Comunicação da FAPCOM, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 27–46, jan./jul. 2018. Disponível em: https://doi.org/10.31657/rcp.v3i5.88. Acesso em: 20 mar. 2026.

BRAGA, José Luiz. O desafio da interação humana e os processadores comunicacionais. *Revista E-Compós*, Brasília, v. 26, p. 1–17, jan./dez. 2023. Disponível em: https://doi.org/10.30962/ec.2784. Acesso em: 20 mar. 2026.

BRAGA, José Luiz. Rastreando questões comunicacionais. *Revista Matrizes*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 55–77, jan./abr. 2025. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v19i1p55-77. Acesso em: 20 mar. 2026.

HUSSERL, Edmund. *Meditações Cartesianas:* precedido de Conferências de Paris. [*S. l.*]: Edições 70, 2024.

LIBANIO, Deodato. Sobre os abalos, o novo e as lágrimas: um estudo sobre a construção do conhecimento comunicológico. *In:* OLIVEIRA, Danielle; LIESEN, Maurício (org.). *Para comunicar o incomum:* escritos em homenagem aos 70 anos de Ciro Marcondes Filho. São Paulo: Paulus, 2018. p. 110-151. LIBANIO, Deodato. O debate sobre a Nova Teoria da Comunicação: questões sobre fenomenologia, ontologia, linguagem e epistemologia. *Revista Líbero*, São Paulo, v. 25, p. 78-99,, 2022. Disponível em: https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1395/1371. Acesso em: 30 mar. 2026.

LIBANIO, Deodato. *Prolegômenos para teorias da comunicação futuras: uma análise do quadro das teorias brasileiras contemporâneas da comunicação a partir da questão da alteridade.* Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.11606/T.27.2024.tde-27012025-120905., 2024.

LIBANIO, Deodato. Os prolegômenos para uma ciência da comunicação futura: a defesa de um invariável da comunicação. *E-Compós,* Ahead of print, [2026]. Disponível em: https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/3236 ,.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Até que ponto, de fato, nos comunicamos?* São Paulo: Paulus, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O princípio da razão durante.* O conceito de comunicação e a epistemologia metapórica: Nova Teoria da Comunicação III. São Paulo: Paulus, 2010.

MARCONDES FILHO, Ciro. Duas doenças infantis da comunicação: a insuficiência ontológica e a submissão à política: uma discussão com José Luís Braga. *Revista Matrizes*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 169–178, ago./dez. 2011. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v5i1p169-178. Acesso em: 20 mar. 2026.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicologia ou mediologia?* A fundação de um campo científico da comunicação. São Paulo: Paulus, 2018.

MOREIRA, BENEDITO DIÉLCIO; LIBANIO, Deodato. O contínuo atmosférico mediático e o problema da comunicação: a crise do político e o movimento conservador. *Questões transversais revista de epistemologias da comunicação*. v.9, p.43 - 50, 2022.

SIGNATES, Luiz. Por que não é possível não estudar Ciro Marcondes Filho e sua Nova Teoria da Comunicação. *Paulus:* Revista de Comunicação da FAPCOM, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 61–78, jul./dez. 2022. Disponível em: https://doi.org/10.31657/rcp.v6i11.610. Acesso em: 20 mar. 2026.

Deodato Rafael Nunes Libanio

Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Doutor (doutorado direto) em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Meios e Processos Audiovisuais (PPGMPA) da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Membro da Diretoria Científica do Centro Brasileiro de Estudos Levinasianos (CEBEL). Em estágio de pós-doutorado no Departamento de Filosofia da USP.

Endereço para correspondência

Rua Treze de Maio, 1418, apto 21

Bela Vista, 01327-002

São Paulo, SP, Brasil

Como citar este artigo

Libanio, D. A ontologia da comunicação : uma análise crítica das propostas de José Luiz Braga e Ciro Marcondes Filho. Revista FAMECOS. https://doi.org/10.15448/1980-3729.2026.1.49130.

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.